

## Introdução

Esta dissertação pretende tratar da noção de *escritura* apresentada por Jacques Derrida na primeira parte do livro *Gramatologia*, publicado em 1967 e considerado o mais importante da obra do filósofo. A grande importância deste ensaio se dá pela ideia de *escritura* apresentada nele que, como veremos, se confunde com o próprio pensamento da desconstrução de uma forma geral, preparando, portanto, o terreno para o modo como este pensamento parece se tecer e introduzindo o vocabulário do texto derridiano.

O *projeto gramatológico*, colocando em questão uma discussão sobre a possibilidade de uma ciência da escritura, traz à tona a denúncia de um rebaixamento desta em relação à fala que marca todo o pensamento ocidental, inscrevendo-o no que Derrida chama de uma clausura metafísica. Segundo o filósofo franco-magrebino, toda a cultura ocidental e a nossa noção de episteme são fundadas sobre uma visão restrita de escritura - uma escritura fonética - que reflete o privilégio concedido à fala como uma ligação direta e imediata com um *logos* regulador.

Este traço *fonologocêntrico* do pensamento ocidental que reduz a escritura apenas a uma escritura fonética, revela uma lógica dualista metafísica a qual todo pensamento parece ficar restrito. Veremos como a desconstrução da ideia da presença de um *logos* regulador liberta a escritura de suas amarras *fonologocêntricas* possibilitando o pensamento ir além de sua clausura metafísica, abalando, dessa forma, noções caras a todo o pensamento ocidental, como a ideia de origem, de unidade e de propriedade de todo conceito.

Seguiremos aqui o recorte já proposto pelo filósofo em *Gramatologia* com três capítulos básicos: no primeiro capítulo, nos preocupamos em elucidar de que forma Derrida sugere um "ultrapassamento" do conceito clássico de linguagem por uma noção alargada de *escritura*. Segundo o filósofo, o conceito clássico de linguagem não estaria mais dando conta de tudo o que, há mais ou menos, vinte séculos foi reunido sob ele, constatando, assim, seu *transbordamento*. O excesso de discursos que, no século XX, mais do que nunca, se produz em torno do tema da linguagem começa a deixar ver como esse termo não se contém mais em seus

limites, permitindo enxergar um trabalho do *logos* operando sobre ele no intuito de recalcar a disseminação da escritura.

O segundo capítulo acompanha a leitura desconstrutiva do *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand de Saussure no questionamento derridiano do conceito logocêntrico do signo lingüístico. Derrida considera a obra de Saussure como de extrema importância para o abalo daquilo que chama de metafísica da presença. As teses saussurianas da arbitrariedade e do valor diferencial do signo lingüístico são *insights* que proporcionam a Derrida desenvolver *quase-conceitos* chaves para o pensamento da desconstrução como *rastro* e *différance*. Mas se, por um lado, o linguista suíço traz inovações fundamentais para a liberação de uma gramatologia, por outro, ele parece querer se inscrever dentro da tradição metafísica do pensamento, reforçando a ideia de um significado transcendental.

No terceiro capítulo, trazemos à tona a discussão derridiana sobre o caráter (im)possível de todo pensamento, ao chamar atenção para sua estrutura grafemática. Isto é, gramatologia, mais do que uma ciência da escritura, revelaria em seu próprio nome, a aporia em que todo pensamento está inscrito: os termos gregos *gramme* e *logos*, juntos numa só palavra, refletem o problema de uma ciência da escritura, já que esta coloca em questão a possibilidade da própria ciência.